CMP 1.2.2.51



LITERATURA BRASILEIRA

# MONTE ALVERNE EM ITU

HÉLIO LOPES

Do ano de 1812 não nos deixou Monte Alverne, ao certo, discurso algum. De 1813 publicou á oração congratulatoria pelo aniversario de sagração de Dom Mateus de Abreu Pereira. Os anos de 1814 e 1815 ficam em branco. 1816 apresenta-se com dois exemplares: o discurso de 4 de fevereiro comemorando a elevação do Brasil a Reino e a oração funebre de Dona Maria I, a 26 de junho.

Os festejos com que a vila de Itu comemorou a data de 15 de dezembro de 1815 levaram a ela Monte Alverne. Parece que foi a unica vez, no decorrer de todos esses anos, que saiu de São Paulo, coincidindo esta viagem a Itu com o tempo em que lá exercia o magisterio (1814-1818) seu professor de filosofia em São Paulo, frei Inacio de Santa Justina. A festa encerrada num domingo, 4 de fevereiro, precedeu-se de um triduo, ocupando, cada dia, a tribuna sacra, orador diferente. A Monte Alverne coube o fecho das festividades religiosas, proferindo sua oração na solene missa cantada (1).

O discurso inteiro é uma vibrante demonstração de patriotismo. E não era para menos. A presença da familia real, primeiro; a passagem, depois, do Brasil de simples colonia a reino, ainda que unido a Portugal, mas como sede do trono, ocasionou uma reviravolta completa na situação politica e abriu as mais vastas perspectivas ás nossas ambições.

Assacar a Monte Alverne, como aos homens daqueles tempos, a pecha do "me-ufanismo" será uma ignorancia lamentavel do que significava para eles a transição que viviam. Inopinadamente, efeito das vertiginosas ambições napoleonicas, realizava-se velho sonho que vinha de D. João III. O Brasil amparava o trono batido pelo vendaval. Mas, sobretudo, realizava-se o sonho moço de uma terra inquieta nas cadeias colonialistas que a empeciam. Como inumeros outros, Monte Alverne nasceu, cresceu, fêz-se jovem, no Brasil-Colonia. Precedeu-lhe o nascimento apenas oito anos o martirio de Tiradentes; terá frequentado as lições de um ex-inconfidente (2) e, vivendo, depois, dentro dos claustros, as desavenças entre lusos e brasileiros, pouco lhe bastava para acender o entusiasmo patriotico.

A consciencia de um Brasil-patria não é prerrogativa de Monte Alverne. Já os insurrectos de Pernambuco queriam fazêr — e fizeram — a "restauração da patria"; mas o que se acentua em seu discurso é o cuidado em demonstrar que os brasileiros não eram inferiores aos de além-mar e se, geralmente, ás expansões patrioticas segue de imediato o protesto de fidelidade ao soberano, sente-se bastante livre para apontar os erros e as injustiças cometidas contra o Brasil. Tudo quanto nos elevasse, ou nos pusesse em pé de igualdade com os portugueses, servia de pretexto ás ampliações retoricas. Louvam-se os atos de D. João VI; louva-se muito mais a justiça feita, e há muito esperada, á terra de que Portugal só podia auferir vantagens.

Ouve-se, como num eco de nossos primeiros cronistas, o louvor de nosso carater, de nosso litoral, de nossos minerais, de nosso clima (3); exalta-se a importancia de nossos produtos na balança do comercio internacional e, á falta de outras ocorrencias belicas, é a luta contra os invasores que o orador retorna — a elas já se referira em 1811 — e retornará pelos anos seguintes a fim de enaltecer a bravura do soldado brasileiro.

Transparece, meridianamente, agora em 1816, que se considerava já proclamada a nossa independencia. Já somos considerados "os filhos dos heróis (que) não podiam degenerar da afouteza, que assinalou seus pais desde o berço da monarquia" e afirma: "nós pretenderemos, nós subiremos ás honras com esta altivez, que distingue um povo livre. Ontem filhos mais moços de Portugal, somos hoje seus irmãos".

A' incompreensão das Cortes de Lisboa devemos a existencia de 7 de setembro. Os liames eram por demais tenues para que se não rompessem a um grito apenas. Soltasse-o quem quisesse. Dom Pedro encarregou-se disso. Mas, nossa liberdade já estava proclamada desde 1808 com a abertura dos portos (4). Esta realidade desta forma sentida não podia enaltecer Dom João VI senão com aquelas palavras que soam a nossos ouvidos, deseducados estranhamente, como uma linguagem falsa, pedantesca, palacianamente subalterna. Descontemos os exageros mitologicos, olimpicos — não a Monte Alverne, que não os emprega — mas a seus contemporaneos. A verdade é, com a chancela da historia, que os brasileiros daqueles dias viram em Dom João VI o fundador de nossa nacionalidade. Pergunta Monte Alverne, neste discurso: "O impulso vigoroso, que impele o carro, em que o Brasil se mostra ovante, não descobre uma vontade firme, e determinada para promover o adiantamento do Brasil?" Escreveria, profeticamente, em 1852: "Os grilhões coloniais estalaram um a um entre as mãos do Principe, que a posteridade reconhecerá por o verdadeiro fundador do Imperio do Brasil" (5). A exaltação, comedida aliás, de Dom João VI, neste discurso, como em todas as outras vezes em que a ele se refere, não macula de bajulação o futuro pregador da Capela Real.

No exordio de sua oração Monte Alverne diz que, para desenhar o quadro em que se entremostra o futuro glorioso do Brasil, duas coisas exigem-se do orador: "conhecimentos mais profundos e o mais subido patriotismo". Que conhecimentos mais profundos seriam esses? Tenho para mim que o orador não se percebia bastante seguro ao tratar de um assunto estranho a seu meio e formação como é o comercio, fonte de riquezas e, por conseguinte, de desenvolvimento. Esta a razão por que se vai apoia em Guillaume-Thomas-François Raynal, ou simplesmente abbé Raynal (1713-1796), historiador e filosofo, sequaz do Enciclopedismo, não obstante a batina, cuja grande obra: "Histoire philosophique et politique des établissements et du commerce des Européeens dans les deux Indes" cita abreviando o titulo: "Histoire des Indes".

A obra de Raynal representa um verdadeiro esforço para discretear, em alguns tomos, sobre o comercio com todas as suas relações politicas, religiosas, geograficas, morais, etc. Escrita quando Portugal tremia sob o governo despotico do Marquês, e após o terremoto que derrubou Lisboa, é curioso acompanhar as considerações que desenvolve a respeito do Brasil. Conquanto se assinalem informações menos precisas, a visão que possui de nossa terra e de nossa historia impressiona. Sobretudo quando alerta Portugal sobre a politica inglesa que carreava para os cofres nacionais a maior parte da extração da riqueza do Brasil, fazendo-se de Lisboa um entreposto a caminho de Londres, e quando alerta Portugal sobre a necessidade de franquear a todas as nações os portos brasileiros para beneficio da metropole e da colonia (6).

Monte Alverne aproveitou-se de Raynal sobretudo na passagem em que reconhece nos portugueses a única fôrça que se opôs aos dominio otomano. Monte Alverne: "Sim, qual seria hoje, a sorte da Europa, qual seria mesmo a sorte do Universo, se os turcos, que tinham substituido os romanos, e eram como êles o flagelo do gênero humano, senhores de todo o comércio do mundo, podendo dispor de todas as riquezas da Asia, devendo possuir necessariamente a mais formidavel marinha, pudessem empregar contra a Europa seus imensos recursos? Que barreira poderia opor-se a esta torrente transbordada, quando se dirigisse ao continente europeu? Seria êle capaz de estorvar a marcha vitoriosa dum povo conquistador por a natureza de sua religião, e sua politica? Estava perdida para sempre a liberdade da Europa, e do Universo, se os ferozes vencedores do Egito não fossem repulsados, e batidos por os portugueses nas diferentes expedições, que empreenderam na Asia". Note-se na leitura do texto francês que Raynal não compara os turcos aos romanos, como o faz o pregador, mas aos barbaros. O deslize de Monte Alverne não compromete, em todo o caso, o conjunto do pensamento: "Sans la découverte de Vasco da Gama, le flambeau de la liberté s'éteignait de nouveau, et peut-être pour toujours. Les Turcs allaient remplacer ces nations féroces, qui, des extremités de la terre, étaient venus remplacer les Romains, pour en opprimer la surface; et à nos barbares institutions aurait succédé un joug plus pesant encore. Cet événement était inévitable, si les farouches vainqueurs de l'Egypte n'eussent été repoussés par les Portugais dans les différentes expéditions qu'ils tentérent dans l'Inde. Les richesses de l'Asie leur assuraient celles de l'Europe. Maître de tout le commerce du monde, ils auraient eu nécessairement la plus redoutable marine qu'en eut jamais vue. Quels obstacles auraient pu arrêter alors sur notre continent ce peuple conquérant par la nature de sa religion et de sa politique?" (7).

O paragrafo termina, ainda, com citação de Raynal, apenas substituindo as expressões desabonadoras aos portuguêses, incompreendidos, quiçá, pelo espirito irreverente do padre voltairiano (8).

Com o que não nos podemos conformar é com o aproveitamento que ainda faz do seu guia, quando rememora a atuação de Vieira na luta contra os holandeses. Não precisava pedir ao francês as imagens, mas como o tinha á mão, dêle faz uso: "Tremulou o nôvo estandarte pressago de combate, e triunfou... Eles o seguem ás mais sangrentas pelejas prontos a morrer, ou vencer com êle, com êle que lhes inspira sua ousadia, e sua impassibilidade. Eles triunfam: a vitoria os inflama; seus adversários não podem respirar" (9).

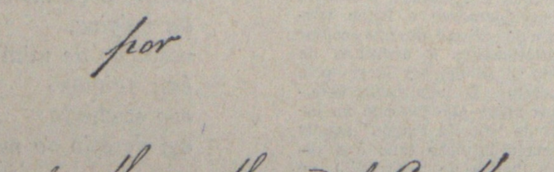
As três citações que faz de Montesquieu e Bernardin de Saint-Pierre, se não houve engano de memória, talvez não passem de reminiscência muito longinqua. Por mais que tenhamos vasculhado as obras dêsses dois autores para identificar as passagens apontadas, não nos foi possivel descobri-las. Temos para nos que suas idéias sobre o comercio se baseiam mesmo sôbre Raynal e não sobre Montesquieu (10).

A citação final, tirada a Fénelon, com que encerra o discurso e com que pretende retratar Dom João VI, está, de alguma forma, representando da melhor forma possivel seu proprio pensamento sôbre a realeza e do qual não abdicará jamais: "O rei pode tudo sôbre os povos, mas as leis podem tudo sôbre o rei. O rei tem um poder absoluto para causar o bem, e as mãos ligadas para produzir o mal. As leis o revestem de prerrogativas tão singulares com a condição de que será o pai de seus vassalos. Não é para si só, que Deus o constituiu rei, mas para ser o homem dos povos, a quem êle deve todo o seu tempo, sua afeição tôda" (11).

Esta peça, como a de 1811, não se mantém, no conjunto das obras oratórias, como uma peça isolada, não obstante os motivos especiais que a motivaram. Desde o inicio de sua carreira de orador, o patriotismo marcou todos os entusiasmos de Monte Alverne. Se a fé na sua Igreja e o amor á sua Pátria dão ao conjunto dos panegiricos e dos discursos a monotonia das idéias repetidas — como o orador teve o cuidado de assinalar, precedendo-se ao julgamento postumo — cumpre levar em conta a importancia que se devia dar cada vez mais profunda á criação daquela liberdade sem a qual o homem não se perceberá jamais feito á imagem de seu Criador. Consomem-se, no mesmo incendio, a Civitas Mundi e a Civitas Dei.

Entre as influencias diversas que se poderão anotar exercidas por Monte Alverne no periodo longo de suas atividades, cumpre não esquecer esta que vem desde sua mocidade passada aqui em São Paulo: a criação de uma consciência brasileira, a consciência de uma nação que, nascida entre as mãos de Portugal, caminha, já agora, em sua época, por seus proprios pés, para o destino alto que seu orgulho de brasileiro lhe prognostica.

*Monte Alverne*



*Sermao do Encontro*

*pregado*

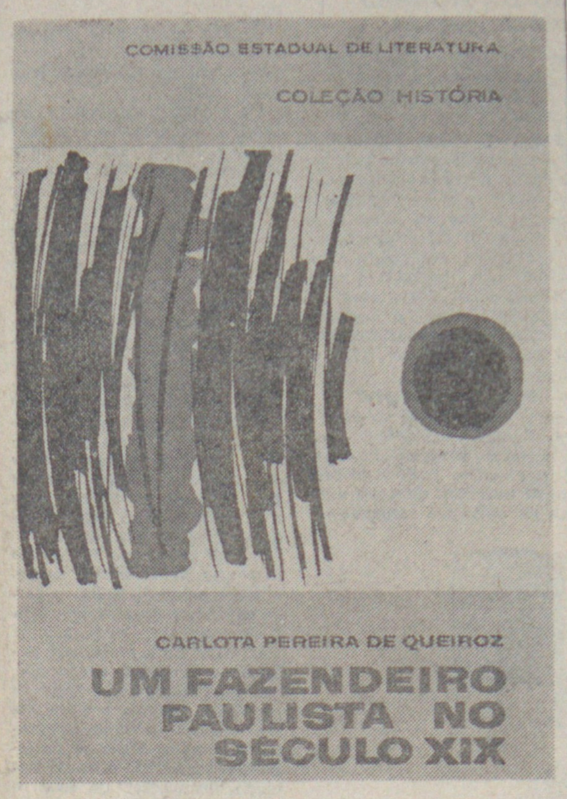
*por*

*Fr. Francisco do Monte Alverne de Carvalho*

*Manuscrito original de Monte Alverne*

1) Arquivo do Estado de São Paulo, Doc. Int. XVI, pg. 203-205.
2) Revista do Inst. Hist. Geográfico Bras., Tomo III, pg. 338-340.
3) O texto de Monte Alverne lembra, realmente, os primeiros cronistas, mas é ainda em Raynal que se atém como é fácil verificar por esta comparação: "... um país onde não se experimentam os terriveis furacões, e esta fatal destemperança da atmosfera, que abrevia tantas vêzes uma existência utilmente empregada: onde são raras estas mortandades, que desolam muitos outros lugares da América...", "... des oragans destructeurs ne ruinent pas les travaux... on ne voit pas de positions au Brésil où les intempéries de l'air abregent des jours utiles; et il n'y en a aucune où on éprouve ces affreuses mortalités qui désolent si souvent tant de contrées de l'Amérique". Raynal: "Histoire philosophique et politique des établissements et du commerce des Européens dans les deux Indes". Haye, MDCCLXXVI, Tome III, pag. 397.
4) "Ao ser expedida a carta régia, franqueando os portos, estava feita a independência brasileira: uma independência proclamada em janeiro de 1808, não em setembro de 1822. Naquela data o Brasil subia a Metrópole, enquanto Portugal descia a colônia... Êrro comum aos historiadores é aglutinar os dois fenômenos — independência e separação do Brasil —, quando são absolutamente distintos. O príncipe dom Pedro não foi um proclamador, mas um reivindicador; com êle perfazemos a separação, reivindicamos a independência, no momento em que Portugal tentava recolonizar o Brasil". Celso Vieira: Estudos e Orações, Publicações da Academia Brasileira, Rio de Janeiro, 1941, pg. 214-215.
5) "Obras Oratórias", Ed. Garnier, Tomo I, pg. VI.
6) "Un moyen infaillible pour opérer bientôt ces grands changements, serait d'ouvrir les ports du Brésil à toutes les nations. Cette liberté donnerait à la colonie une activité qu'elle n'acquerra peut-être jamais autrement. Les peuples qui pourraient y naviguer seraient également intéressés à sa prospérité et à sa défense. Elle deviendrait plus utile à sa métropole par le produit tous les jours plus grand de ses douanes, que par un monopole destructif de toute industrie". Raynal, op. cit., Tome III, pg. 423.
7) "Raynal, op. cit., Tome III, pg. 61-62.
8) "Estava apagado para sempre o archote da civilização, se os heróis de Ormuz, Diu e Malaca não retardassem o rápido progresso do fanatismo muçulmano, e suspendessem o curso impetuoso de suas conquistas, cortando-lhes o nervo das riquezas" — "C'en était donc fait de la liberté du monde entier? elle était perdue, si le peuple le plus superstitieux, et peut-être le plus esclave de la chrétienté, n'eut arrêté les progrès du fanatisme des Mussulmans, et brisé le cours impétueux de leurs conquêtes, en leur coupant le nerf des richesses". Raynal, Tome I, pg. 63.
9) "Sans l'aveu, sans l'appui du gouvernement, il (Vieira) osa lever le terrible étendard de la guerre. Son nom, ses vertus et ses projets assemblent autour de lui les Brésiliens, les soldats Portugais, les colons même. Il leur donne sa confiance, son activité, son courage. On le suit dans les combats; on se presse autour de sa personne; on veut vaincre ou mourir avec lui. Il triomphe, et ne s'endort pas sur ses lauriers. Il ne laisse pas au vaincu le temps de se reconnaitre". Op. cit. Tome III, pg. 350-351.
10) Num trecho, onde no fim, assinala Montesquieu como inspirador, encontramos a seguinte frase tirada a Raynal; "que sua opulência deve ser fundada no trabalho, e que vale mais do que o ouro e a prata" — "Cependant les deux nations conquérantes (Portugal e Espanha) des deux Indes, négligèrent les arts et la cuiture. Pensant que l'or devait tout leur donner, sans songez au travail qui seul attire l'or, elles apprirent un peu tard, mas à leurs dépens, que l'industrie qu'elles perdaient, valait mieux que les richesses qu'elles acquéraient". Raynal: Tome XVII, pg. 77.
Em outro, onde o nome de Saint-Pierre é que aparece, não passa de uma réplica a Raynal: "Não se falará só da felicidade publica; ela será vista; ela será mesmo gozada" — "On parle de bien public, et l'on ne voit pas, l'on ne le sent pas". Tome III, pg. 399. Também é de Raynal êste pensamento: "Abriu-se a mesma lice ao talento. Nós pretenderemos, nós subiremos às honras com esta altivez, que distingue um povo livre" — "La même carrière est ouverte à leurs talents, et ils peuvent arriver aux mêmes honeurs" Tome III, pg. 399.
11) "Il (le roi) peut tout sur les peuples, mais les lois peuvent tout sur lui. Il a une puissance absolue pour faire le bien, et les mains liées dès qu'il veut faire le mal. Les lois lui confient les peuples comme le plus précieux de tous les depôts, à condition qu'il sera le père de ses sujets... Ce n'est pour lui-même que les dieux l'ont fait roi; il n'est que pour être l'homme des peuples; c'est aux peuples qu'il doit tout son temps, tous ses sons, toute son affection". "Télemaque", Edition de Tours, Maison Alfred Mame et Fils, s/d, Livre V, pg. 52.

# A SEMANA E OS LIVROS




De varios generos

**"Um Fazendeiro Paulista no Seculo XIX"**, de Carlota Pereira de Queiroz, constitui, no respectivo setor, obra deverás notavel. E', mesmo, permissivel afirmar que, pela sua autenticidade, deverá, de agora em diante, figurar entre os documentos essenciais para o estudo e compreensão de fenomenos que condicionaram a evolução da nossa terra e da nossa gente. Reunindo "papéis" deixados por seu avó, o patriarcal Manoel Elpidio Pereira de Queiroz, tenente-coronel da Guarda Nacional, fazendeiro, senhor da "Fazenda Rio da Prata" e de outras terras, o volume constitui, em ultima analise, o retrato de um paulista de velha cepa, de um dos "homens bons" que, com sua pertinacia, austeridade e lealdade aos proprios principios, marcaram uma época de Piratininga. Durante muitos anos esses documentos dormitaram em velho baú, no citadino sobrado da familia. E eis que, agora, o carinho da neta traz á luz do sol tão significativos "papeis": cartas familiares e de negocios, registros sobre o andamento das lavouras e das outras atividades do velho fazendeiro, apontamentos sobre os escravos, notas sobre os acontecimentos politicos, certidões etc., salientando-se um "diario" de viagem á Corte. Na lembrança da autora, o coronel surge como "um ancião de barbas brancas, que todos respeitavam — o "Sinhô, como ainda o chamavam os famulos, quase todos velhos escravos remanescentes e crias da casa". Deve ter sido, de fato, homem de singulares virtudes, com acentuado senso das proprias responsabilidades, temente a Deus e respeitador do direito alheio. E com que argucia sabia julgar os governantes da época, não hesitando em expressar, com a maior franqueza, suas opiniões e seus ideais democraticos. Tal condição o levou a ser um dos Convencionais de Itú e a figurar entre os fundadores de "A Provincia de S. Paulo", que — segundo as palavras da autora — continua, "nos nossos dias, como orgão defensor dos mesmos ideais, tendo mudado o seu nome para "O Estado de S. Paulo". Gostariamos de chamar a atenção para o interesse de certos documentos relativos a inventarios de bens existentes em fazendas da época, com minucias preciosas para a reconstituição da vida rural paulista de então. Outro documento dos mais curiosos é o já citado "diário" da viagem que o coronel realizou, em 1854, conduzindo tropas, ao Rio, através Itaquaquecetuba, Taubaté, Cachoeira, Bananal e Itaguay. Embora fosse viagem de negocios, o fazendeiro, que era homem de gostos requintados, não perdeu a oportunidade de dar suas voltas pela rua do Ouvidor e deliciar-se com os trinados de divas-do-bel canto, no Lirico. Há outro ponto a assinalar: com o intuito, certamente, de preservar o sabor original dos documentos, Carlota Pereira de Queiroz restringiu-se, nos comentarios, limitando-se ás notas imprescindiveis para esclarecer certos trechos. Assim, a antiga assistente do professor Miguel Couto soube respeitar o valor e realçar o encanto destas paginas que, herdadas de seu avô, transmite agora ao publico, num serviço prestado á historia de S. Paulo. A edição traz prefacio de J. F. de Almeida Prado e uma carta de Vivaldo Coaracy á autora. (Edição da Comissão Estadual de Literatura).

E' ponto pacifico que o lançamento de um romance de Carlos Heitor Cony constitui, sempre, um acontecimento literario, impondo-se á atenção do publico ledor, da critica e dos cronistas especializados. Sua carreira tem sido, nesse setor, uma serie de etapas ascendentes no setor da novelistica — carreira que (entre outras obras) corresponde a sete romances, do qual **"Balé Branco"** é o ultimo. Não podemos, portanto, nos conformar que um autor de tal relevo, que já nos deu paginas de singular beleza, como as de "Antes, o Verão", caia, agora, neste **"Balé Branco"**, num emaranhado de lugares comuns, num romance que vive de "suspenses" gratuitos (como o pretenso misterio do assassinio de Katia). Reconheça-se que o escritor de "Informação ao Crucificado" tem, como tantos outros, o direito de, quando em quando, buscar soluções mais simplistas para enfrentar a problematica de suas concepções romanescas. No entanto, autor tão dotado quanto ele não tem o direito de incindir em vulgaridades e em concessões de mau gosto. E' indiscutivel que, sob o aspecto puramente artezanal, **"Balé Branco"** evidencia, em sua estrutura geral, perspectivas tecnicas de grande folego. Ademais, tipos como Betinha, Tatiana, Machado, Claudio, Geraldo etc., embora muito "construidos", logram, de vez em quando, deixar de serem "tipos" para se tornarem seres humanos. Sucede, porém, que já há muito tempo Carlos Heitor Cony superou a condição de mero artezão para se tornar um artista do romance. Como explicar, portanto, a auto-indulgencia que revela aqui em relação a certas questões formais? Aliás, não fosse a referencia a fatos recentes (como o suicidio de veterana bailarina aqui em S. Paulo) e diriamos que se trata de obra escrita há tempos, quando, como principiante, ainda era disculpavel que tão experiente autor lançasse mão de clichês para enfrentar certas dificuldades da tecnica novelistica. (Editora Civilização Brasileira).

Agudo sentimento do teôr de absurdo que condiciona nossas reações e nossa conduta quotidiana — eis, em linhas gerais, o traço predominante nos contos que Ligia Fagundes Telles acaba de agrupar em seu novo livro **"O Jardim Selvagem"**. Acrescente-se a esse caracteristico a sutileza da colocação dos problemas, geralmente de ordem moral ou animica, que movimenta os personagens, e um tratamento severo, linear, do processo narrativo propriamente dito, e ter-se-á ideia da riqueza de valores que informam esta obra. E' sabido que criticos daqui e do exterior já louvaram o virtuosismo da autora de "Ciranda de Pedra", sobretudo no setor da narrativa curta. Nunca será demais, porém, aduzir que neste livro, tal virtuosismo embora levado ainda mais longe, não compromete em nada o interesse da trama dos contos, tal é o equilibrio existente entre forma e conteudo. Veja-se, por exemplo, o conto "Antes do Baile Verde". A angustia de Tatisa, a jovem que se prepara para o baile carnavalesco e não quer enfrentar o problema da agonia de seu progenitor no quarto ao lado, é referida através o dialogo dela com a empregada. E paradoxalmente, quanto mais desconexa a conversa entre as duas, mais tensa se torna a situação. O mesmo poder-se-ia dizer de "A Janela". Desde o primeiro paragrafo pressente-se o drama — sem gestos, sem gritos — do personagem que, em linguagem vaga, evoca a roseira que outrora adornava a janela. Essas e as outras dez narrativas, embora vasadas em tom menor e intimista, refletem eloquentemente o grau de puresa alcançado pela arte de narrar da autora de "Verão no Aquario". (Livraria Martins Editora. Com nota de apresentação de Arnaldo Mendes. Capa de Carmelio Cruz).

*

LIVRO SOBRE KENNEDY

A Editora Civilização Brasileira lançará brevemente **"Mil Dias — J. F. Kennedy na Casa Branca"**, de Arthur M. Schelesinger Jr. que foi amigo intimo e assessor do grande presidente, desde os tempos em que era senador até a tragedia de Dallas.

*

ENSAIO DE FLORESTAN FERNANDES

A Dominus Editora prepara-se para lançar, na sua coleção "Ciencias Sociais", um novo ensaio do professor Florestan Fernandes: **"Educação e Sociedade no Brasil"**.

ROLMES BARBOSA

# MONTEIRO LOBATO

PEDRO FERRAZ DO AMARAL

Em boa hora os editores das obras completas de Monteiro Lobato atribuiram ao sr. Jeronymo de Souza a incumbência de compendiar os trabalhos que o autor de "Urupês" deixou esparsos em vários órgãos da imprensa nacional, quando no exercicio de atividades de critico literário ou de mero registrador de aparecimento de livros. Isso, porque, seja qual fôr o setor em que se possa classificar a produção de Lobato, há sempre nela o toque indisfarçável de sua personalidade, a caracterizá-la como obra de arte, digna de memoria. Ás vezes, numa despretensiosa noticia escrita apenas para atender a imperativos da amizade — e ele era muito amigo dos amigos, mesmo que péssimos escritores — uma frase acidental denuncia o dedo do gigante e torna esse pequeno pedaço de prosa merecedor de estima.

"Criticas e outras notas" compõe-se principalmente de artigos de critica e de registros bibliográficos publicados na "Revista do Brasil", cuja direção Monteiro Lobato assumiu em 1917, para se tornar depois seu proprietário, servindo-a sempre com sua decidida colaboração e valiosissima orientação até fins de 1924, quando a felonia de supostos amigos arrastou sua empresa editora a lamentável falência. Tendo tido a satisfação de trabalhar durante anos ao lado do grande contista, podemos dizer alguma coisa desse periodo aureo da vida literária dêle e, pois, da vida literária de São Paulo. E seja-nos permitido desde logo retificar uma conceito exarado pela ilustre escritora Ruth Monteiro Lobato, na pagina magistral com que abre este ultimo volume de seu saudoso Pai. Diz ela, a certa altura, que Lobato "estudava e burilava o estilo". Não. Lobato não usava o buril em sua escrita: a frase saia-lhe já escorreita e escandida. Originais de contos dele, que guardamos ciosamente — longas tiras de papel almaço, plenas de sua letrinha firme e sempre igual, máscula e, ao mesmo tempo, delicada, dizem muito da maneira como narrava suas historias: não têm senão umas poucas emendas e razuras, a não ser aqui ou ali, quando a leitura lhe sugeria a clarificação do pensamento, que a lentidão do manuscrito não lhe permitira no primeiro instante. Razão pela qual, passou a preferir posteriormente, quando possivel, a sua maquina de escrever portatil, que tangia com dois dedos, mas quase com a velocidade de seu pensamento.

Acompanhamos muitas vezes a elaboração desses trabalhos e podemos afirmar que nenhum deles jamais foi refundido ou refeito. Historias já organizadas mentalmente, quando chegava a hora de serem postas no papel, era sem nenhum esforço que lhe defluiam na forma imperecivel que assumiram. Ruth Monteiro Lobato, que mal conheci garota, minado por Dona Purezinha, admiravel esposa do criador d' "A menina do narizinho arrebitado", mãe que sabia prodigalizar carinhos a todos os filhos, entre os quais aqueles dois endemoninhados meninos que eram Edgard e Guilherme, irrequietos, vivos, radiosos de inteligência, cujas traquinadas tinham sempre um toque da genialidade paterna — Ruth Monteiro Lobato — diziamos — há de perdoar-nos o reparo, que nos serviu, no entanto, para esta remembrança daqueles idos de nossa vida, quando chegamos todos até a morar na mesma quadra da rua Lopes de Oliveira, de onde êle partiria para os Estados Unidos.

Mas, por isso mesmo, não podemos deixar de chamar a atenção do leitor para êste periodo, em que a prefaciadora, em poucas palavras, traça magistralmente o perfil de seu eminente pai:

"Misto de filósofo, homem de ação e artista, sofria conflitos entre a razão e o sentimento. Tolerante por principio, não o era por temperamento. Equanime por filosofia, perdia a cabeça quando se lhe antepunham obstáculos. "Blagueur" e irritadiço, calmo nas horas de tumulto e inquieto nas horas de paz, era todo um conjunto de qualidades aparentemente paradoxais mas bastante compreensiveis para quem o conhecia bem".

Aliás, ninguém melhor do que a filha ilustre do ilustre escritor para dizer do feitio moral desse singular tipo humano. Os pormenores que nos oferece do dia-a-dia doméstico daquele lar feliz constituem valioso subsidio para a biografia de Lobato, ainda não de todo fixada, não obstante o muito que dele se tem escrito. Falta, aliás, na recolta dos esparsos dele, aquela deliciosa autobiografia que escreveu para a "Novela Semanal", que Clovis Ribeiro editou durante quinze semanas, tendo como diretor Brenno Ferraz e o autor destas linhas como secretário-executivo. Guardo também o original dessa curiosissima página: duas tiras do papel assetinado em que os graduados redatores de "O Estado" expunham suas idéias a respeito dos magnos assuntos nacionais, os quais, como sempre tem sido, eram a preocupação diuturna de quantos obedeciam á liderança indiscutida de Nestor Rangel Pestana e Julio Mesquita Filho. Lembramo-nos ainda da noite em que Lobato nos ofereceu essa famosa autobiografia: era na antiga sede da redação de "O Estado", na sobreloja do prédio da praça Antonio Prado, onde hoje se encontra o City Bank. Sala pequena, com quatro mesas, a uma das quais se abancou Lobato para entregar a Brenno, menos de uma hora depois, essas duas laudas que foram abrir o "Suplemento" do segundo numero da "Novela Semanal". Em próxima oportunidade, pretendemos reproduzir essa página, assim como voltar a episódios, em que avultam as personalidades de Lobato, Amadeu Amaral, Léo Vaz e outros.

Hoje, a proposito desta tiragem da Editora Brasiliense, em comentario ao "Prefacio" de Jeronymo de Souza, assinalemos que Monteiro Lobato, quando viu recrescerem-lhe as responsabilidades de homem de negocios, com a companhia editora em franca produtividade, procurou passar a alguém a recensão bibliografica da "Revista do Brasil". Em 1921, Brenno Ferraz do Amaral passou a responder por essa tarefa. O prefaciador de "Criticas e outras notas" transcreve as seguintes palavras da carta que Lobato endereçou a Godofredo Rangel em 8 de dezembro de 1921: "Na Revista pus o Brenno na critica. Ele tem dedo e é serio, decente". Está no volume II da "Barca de Gleyre", pag. 239. E Jeronymo de Souza acrescenta que, referindo-se ao seu substituto, Lobato escreveria mais tarde: "sua contribuição na "critica bibliografica" foi copiosa e das mais serias que se fizeram em São Paulo". Essa contribuição continua dispersa pelas paginas da "Revista do Brasil", da "Novela Semanal", da "Cigarra", da "Vida Moderna" e de outras revistas, assim como do "Estado de S. Paulo". Esperamos dentro em breve reuni-las e oferecê-las á consideração dos leitores, porque, em verdade, nos parecem fixar um momento da vida literaria de São Paulo e do País. No momento, está para sair dos prelos da Editora Martins o volume contendo os ensaios historicos de Brenno em redor da personalidade de José Bonifacio de Andrada e Silva; os trabalhos literarios talvez se contenham sob o titulo "Corolas e pulgões", por ele adotado algumas vezes.

Mas, voltemos ao livro de Monteiro Lobato, que Jeronymo de Souza compôs com tanta alma. Cinco foram as series em que conseguiu catalogar esses dispersos: Visão geral da literatura brasileira, Literatura didatica, Literatura hispano-americana, Artes e artistas e outras notas. Se é verdade que as paginas da "Revista do Brasil" constituem farto repositorio de documentos de uma época, de tal arte que por elas se pode escrever um capitulo da historia das letras em nosso País, já estas notas de Monteiro Lobato não somente apontam os principais aspectos dos fatos que agitaram aquele decenio, mas também se erigem em balizas desse estudo. Porque ele foi o lider indisfarçavel da intelectualidade nacional, na linha de Ruy Barbosa e de Olavo Bilac, nomes que tão ardorosamente defende. Assim, passam por estas paginas, além desses grandes vultos, Martim Francisco, Jaime Cortesão, Emilio de Menezes, Ronald de Carvalho, Lima Barreto, Nestor Vitor, João do Rio, Mario Sette, Veiga Miranda, Oswald de Andrade, Ricardo Gonçalves, Navarro de Andrade, Hilario Tácito, Belisario Penna, Firmino Costa, Dom Luiz de Orleans e Bragança, Arnaldo Vieira de Carvalho, Luiz Pereira Barreto, Adalgiso Pereira, Simões Pinto, Francisca Julia da Silva e, entre os artistas do pincel e do buril, Victor Brecheret, Paulo Rossi, Enrico Vio, Norfini, A. Fernandes, Torquato Bassi, Georgina e Lucilio de Albuquerque, Helios Seelinger, Aurelio Zimmermann, Cesareo Bernaldo de Quirós e outros e outros. E no que toca ao mundo sul-americano, escritores como Horacio Quiroga, Manuel Gálvez, Arturo Cancela, Vicente Salaverry, Benito Lynch, Eduardo Barrios, Moysés Kantor, Sanchez-Sáe, Benjamin de Garay e outros, que emergem de um passado glorioso e cada vez mais distante.

O livro que Jeronymo de Souza organizou valeu a pena de ter sido feito. Veio a ser, não apenas o decimo oitavo volume das Obras Completas de Monteiro Lobato, mas também uma advertencia aos leitores de nossos dias, quanto á vida literaria e artistica de há quarenta ou cincoenta anos em São Paulo, a qual, se não se manifestou com a intensidade e a multiplicidade de veiculos e de meios por que se manifesta a hodierna, foi, ao seu tempo, intensissima, preparando a magnifica seára de que hoje colhemos os frutos. E sem Monteiro Lobato, fiquem todos certos, não existiriam nem letras nem artes. O nome dele, queiram ou não, permanece nos alicerces da

## J. B. Priestley

Escritor dos mais proliferos — tendo publicado até agora 37 peças teatrais, 22 romances e 29 volumes não-ficcionais — o inglês J. B. Priestley acaba de oferecer ao publico, quase simultaneamente, dois novos romances: "Lost Empires" e "Sir Michael and Sir George". (Sob registro as edições norte-americanas de Atlantic-Little, Brown, de Boston).

# O AQUÁRIO

*Conto de CELSO BUENO DE MORAES*
*Ilustração de ODILÉA HELENA TOSCANO*

O aquario novamente sobre o movel com a agua cristalina.

— Troquei a agua, pai.

Com um palito na boca continua a ler o jornal sem olhar para o menino que lhe dá explicações. Quando chegou para o almôço, deteve-se junto ao aquario: a agua imunda, poluida de excrescências. Não estivesse o menino perto e o desejo ter-se-ia realizado — atirar o aquario no quintal.

— Se essa agua não for trocada hoje, jogo essa porcaria na rua!

Atirou o jornal sobre a mesa desviando os olhos, do menino para o aquario: o peixe em circulos com fulgurações de prata.

— Lambari é peixe de aquario?

O menino embaraçado abaixa a cabeça, as orelhas como duas asas vermelhas. O homem ensaia um sorriso de escarnio: sómente seu filho é que teria uma idéia dessa.

— Bobo!

— O meu peixe morreu... o sr. sabe.

O sorriso transforma-se num chiado prolongado. O menino levanta a cabeça: nos olhos timidos um brilho agressivo.

— Eu sei quem matou meu peixe.

O chiado cessa bruscamente. O homem quebra o palito nos dentes cuspindo sobre a mesa os pedacinhos, depois apanhando o bule bebe meia xicara de café frio. Acende um cigarro e dá grandes passadas pela sala. Através da janela vê o carro estacionado na calçada, as manchas de óleo cada vez maiores, a poeira encobrindo a pintura desbotada. Inutil levá-lo ao Ponto, as corridas escassas eram para os carros mais novos e, o motor naquele estado, poderia estourar no meio da rua. Ultimamente, chegava mesmo a recusar corridas; o Ponto servia apenas de estacionamento, enquanto ele, no Bar, procurava engrenar alguma corretagem. Se pudesse, não o moveria mais de frente da casa: o tempo devorá-lo-ia rapidamente.

Joga a cinza no chão esquecendo que há um cinzeiro sobre a mesa. De repente os cinzeiros multiplicaram-se á sua frente: a mulher antepunha-lhe os cinzeiros como se fossem armadilhas. Fumando á mesa, empurrou o cinzeiro esmagando o cigarro sob o sapato — a mancha negra no assoalho imprimiu na mulher um movimento de repulsa.

— Casa de pobre é como chiqueiro, mulher!

De nada lhe valia arrumar a casa, buscar mais confôrto, o homem tornava-se cada dia mais relaxado e implicante, principalmente com o menino. Não lhe perdoava nem as amizades, a birra maior sendo para com o filho do advogado. Sempre que o encontrava em casa tinha a mesma pergunta:

— O que esse filhinho de papai vem fazer aqui?

O filho sabia que era inutil replicar: a carga de remoques cresceria. Passivamente esperava que o pai, abrandando a voz terminasse:

—Pobre anda com pobre. Eu sei para que serve amizade de rico...

Quanto tempo levaria o carro para se decompor? Primeiro viria a ferrugem roendo a pintura, comendo a lataria; transeuntes furtariam as peças facilmente removiveis; meninos quebrariam os vidros, penetrando no carro como ratos, rombos no estofamento mostrariam molas arrebentadas. Ele, da janela, assistiria impassivel esse desgaste diario: o unico bem acumulado na vida esvaindo lentamente, em presença de todos. Inuteis foram as tentativas de salvá-lo. Quando se dispôs a vendê-lo, as ofertas caíram como insultos. Deveria rechaçá-los a pontapés, os abutres, as garras abertas sobre a carcassa velha.

— Não precisa ficar brabo. Cada um oferece quanto quer. O carro não está a venda?

— Não está mais. Mando reformar.

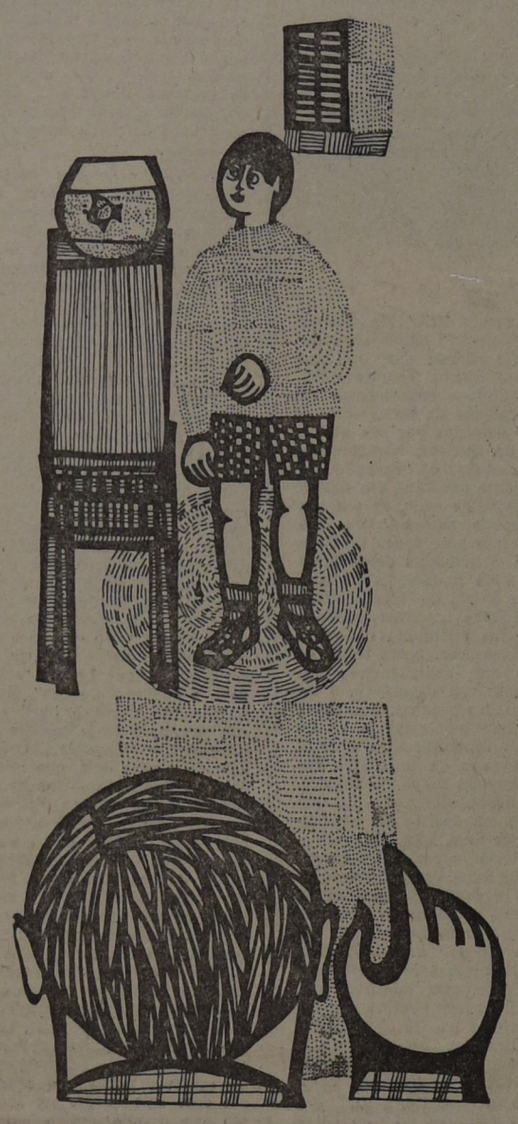
Faria um empréstimo. O titulo pronto para sacar o dinheiro do banco, faltando apenas o endôsso. Bateu ás portas do advogado, o homem havia sido seu amigo de infancia, em várias ocasiões reafirmara essa amizade — estamos lá para qualquer coisa. Menos essa: dinheiro. Ah! como foi ingenuo. Ridiculamente argumentou que em ultima hipotese tinha o carro.

— E de que me serve?

— O doutor pode vender.

— E quem compraria êsse...

A mão do advogado ficou no ar, um sorriso insôsso entreabrindo os lábios. Guardou o titulo no bolso até rasgar-se — uma prova contra o mais infiel dos amigos. E o filho, aquêle imbecil, ainda era amigo do filho desse homem!



— De hoje em diante você não anda mais com êsse menino.

— Mas, papai, êle é meu colega de classe.

— Essa raça não presta. Ninguém presta...

De vingança, começou a difamar o advogado — a mulher que o enganava com todo mundo não perdoava nem crianças: perseguia seu filho que, por isso, deixou de frequentar a casa deles, para não trair o amigo. O assunto, reproduzido nas esquinas, atingiu proporções alarmantes. Ele, que jamais tivera desses gestos, timidamente perguntou ao filho se ainda era amigo do filho do advogado. O menino confuso respondeu que sim e, pela primeira vez, foi aprovado pelo pai que, com um sorriso misterioso, os convidou para passear. Na volta, passou pela casa do advogado e, entre frases polidas, disse que a velha amizade entre os dois também estava arraigada nos filhos.

O sol brilha nos faróis do carro; os faróis seriam roubados em primeiro lugar, o carro sairia aos pedaços sem êles. E para que luz, se já não há mais caminho a percorrer? Sobraria o "chassis": apodrecido, retorcido, perigoso. Depois viria êle, a mulher, o filho, como pedaços de uma construção mal feita. Afasta-se da janela, sôbre a mesa o jornal exibindo "manchetes" já lidas, o cansaço tornando-as quase secretas. Fala alto para que todos ouçam:

— Hoje não saio de casa.

Abandona o jornal deslocando-se até o sofá. Sair, não sair, dava no mesmo. Não seria hoje que algum otário iria comprar terras da gleba que êle vendia. Mais fácil seria se ela se localizasse na lua. Diria apenas na lua, em algum ponto da lua, e não precisaria desdobrar mapas, inventar estradas, afirmar que a civilização para lá se dirigia como a uma nova terra da promissão. Reclina-se sentindo as molas do sofá comprimindo-lhe as carnes. Como pôde a mulher comprar artigo tão vagabundo. Queria enfeitar a casa para que seu filho trouxesse seus amiguinhos milionários. O filho do advogado haveria de se esfolar se sentasse ali, tudo tão macio na sua casa. A' sua frente o aquário: o peixe boiando á flor d'água, os movimentos lentos como se estivesse numa água gelatinosa. Antes o vermelho, de longa cauda tremeondulante. O menino o trouxera no aquário — presente do filho do advogado.

— Não devia ter aceitado. Pedinte!

Junto viera uma caixa de ração — não mais que aquele farelinho escuro para sua alimentação. Ele sabia, mas foi jogando dentro do aquário miolo de pão até que, á superficie da água, formasse uma crosta esbranquiçada.

# FIO DE PRUMO

NELLY NOVAES COELHO

«Sou parte de uma ordem, não uma ordem isolada. (...) Sou uma fração de tempo dotada de substancia propria. Fração ordinaria, um avo que me confunde com o comum das criaturas. Mas sou parte de alguma coisa".

Eis a nova dimensão que este ultimo romance de Antonio Olavo Pereira veio trazer á ficção brasileira de linhagem espiritual. Aquela que, na esteira de Machado de Assis, chega aos nossos dias, sempre debruçada no drama que se desenrola por detrás das ações, das palavras ou gestos de personagens que se vêem envolvidas por uma serie de atos ou lançadas numa existencia, cuja real significação lhes é totalmente vedada.

Entre a atmosfera interior dominante em "Contra-Mão" ou "Marcoré" e a deste "Fio de Prumo" (1) medeia um abismo que Antonio Olavo transpôs de um salto. "Salto" não seria bem o termo ajustado ao fenomeno realizado aqui, pois a passagem de uma margem para a outra se deu com a mesma serenidade com que as arvores crescem ou os rios seguem seu curso. Entretanto o movimento interior que distancia este romance dos dois primeiros é de tal maneira profundo que não nos ocorre outra classificação.

Num ritmo lento, perfeitamente adequado ao tempo psicologico do romance, num ritmo despojado da pressa do homem contemporaneo (aliás a caracteristica de todos os seus romances), Antonio Olavo focaliza em "Fio de Frumo" a trajetoria simples de uma vida: distendida, primeiro, na ansia de fugir á morte, depois em busca de sua essencia e finalmente no "encontro definitivo".

Em meio ao clima regenerador das serras desenvolve-se a historia simples de um rapaz doente; uma historia banal com as caracteristicas de quase todas as que poderiam ser contadas pelos que já viveram o drama dos pulmões afetados. Drama pungente que impregna definitivamente os caminhos daquele que, um dia, se empenhou na reconquista do direito de ser normal: poder olhar "o sol em desafio, a cabeça descoberta, o peito exposto", e saber que "das feridas cicatrizadas não minaria mais sangue". Todavia "Fio de Prumo" nos dá mais, muito mais do que o simples registro desse caminhar em busca da saude; ele nos dá a trajetoria de um espirito em busca de sua essencia.

Ao seguirmos, passo a passo, a funda emoção que se desprende desse caminhar, notamos desde logo que a intuição nutriz deste romance permanece a mesma que já conhecíamos desde "Contra-Mão" e que vimos dolorosamente vivida em "Marcoré": o sentimento agudo, permanente, da inutilidade de nossos esforços para vencer a barreira da incomunicação; a noção da precariedade de nossa posse sobre seres e coisas.

Imerso na secreta e corroedora atmosfera da descrença em si mesmo e na vida, o "herói olaviano" (2) da primeira fase (tanto o rapaz solitario de "Contra-Mão", como o adulto de "Marcoré") revelava a aceitação, entre resignada e perplexa (sem os esgares do desespero), de que tudo é baldado para se ter felicidade; pois tudo que se alcança, fatalmente, se perde; tudo acaba ou se destroi... Nesses dois primeiros romances, o relacionamento do homem com o mundo confina-se á superficie; não há ligação, seu espaço interior está em ritmo desencontrado com o ritmo das coisas e dos homens que o cercam. Entre ele e o mundo o desentendimento é abissal. Daí a solidão, o desgaste interior e a falencia da vida...

E é no limiar desse mundo fechado que vamos encontrar o adolescente de "Fio de Prumo". Porém se neste romance, ainda permanece latente aquela mesma intuição nutriz, uma outra dimensão se delineia, uma outra reação se mostra, modificando pela base a atitude de sua personagem frente á vida. Aqui o "herói olaviano" já ultrapassa aquela irremediavel solidão gerada pela barreira dos gestos e das palavras e revela a lucida aceitação da "condição humana", com todas as suas fraquezas e limitações; superadas, porém, pela funda consciencia da integração do homem numa ordem universal.

Paralelamente a essa evolução tematica, "Fio de Prumo" denota uma evolução tecnica digna de registro; denota um amadurecimento dos recursos expressivos que ultrapassa o nivel e o equilibrio a que já chegara a arte de Antonio Olavo, principalmente em "Marcoré". O tratamento do tempo no romance (através de um magnifico ajustamento do tempo interior do herói com o tempo externo da narrativa); a seleção de personagens funcionais que servem de "contraponto" ao herói; o angulo de visão escolhido; a atitude narrativa de distancia temporal frente aos acontecimentos; a seleção dos elementos do espaço em que se move o herói, são alguns dos elementos estruturais do romance que estão a merecer uma analise detida, que demandaria um longo ensaio.

Um aspecto, porém, nos parece realmente positivo nessa depuração tecnica alcançada por "Fio de Prumo". E' o que anulou certa "aresta" visivel na estrutura interna de "Marcoré": a inverossimilhança psicológica que surge do meio para o fim do romance.

Permitimo-nos, agora, examiná-la a fim de que se torne mais claro o que tentamos assinalar como "enriquecimento" técnico neste ultimo romance. Em "Marcoré", desenvolvendo-se a narrativa em primeira pessoa e abarcando o longo processo de desencanto de uma vida, o relato deveria necessáriamente refletir a mudança interior do personagem-narrador e, conseqüentemente, revelar a alteração da tonica de sua linguagem; mas isso não se dá... seu herói mantém-se uno e imutável até o fim. Analisando, veremos que essa "inverossimilhança" foi causada básicamente por dois fatôres técnicos: o foco narrativo subjetivo (angulo de visão em primeira pessoa) aliado á atitude narrativa de contemporaneidade (registro dos fatos paralelamente ao acontecer), aliás uma das mais legítimas tentativas técnicas do romance contemporaneo: a que procura captar o tempo no seu fluir. Tivesse Antonio Olavo adotado o angulo de visão onisciente do narrador tradicional, ou então conservando sua personagem em distancia temporal (como o fêz, por exemplo, Graciliano em "São Bernardo") e aquêle senão desapareceria.

Evidentemente, frente á verdade humana latente em "Marcoré", frente á emoção estética que êle transmite ao leitor, poderá parecer bizantinismo crítico a preocupação com este pormenor estrutural. Porém a verdade é que, diante da segurança técnica com que Antonio Olavo conduziu a narrativa, inclusive em sua estruturação externa (3), pareceu-nos estranho que, no momento, êle não se tivesse apercebido dêsse pormenor.

Dizemos: no momento, porque em "Fio de Prumo" êsse óbice foi totalmente suplantado pela mudança do foco narrativo e pela adoção da distancia temporal. Abandonando o angulo de visão subjetivo e evitando a visão onisciente do narrador tradicional, Antonio Olavo adota o que poderíamos chamar de "fusão de focos" (foco externo-subjetivo): transforma-se na voz neutra que narra do lado de fora da historia, conservando-se, porém, aderida ao herói central, de cujo angulo de visão as coisas passam a ser vistas. Essa perspectiva, pela qual o romance se espraia, aliada á distancia temporal dos fatos, em que se coloca o Romancista, são, sem duvida, os princípios responsáveis pela coesa estrutura que faz de "Fio de Prumo" o grande romance que veio destruir a idéia de que a vida é irremediávelmente apenas uma aventura solitária e sem sentido.

Acima da técnica e do amadurecimento formal revelados, êsse parece-nos ser um dos maiores valores de "Fio de Prumo": avançar um passo além das soluções humanistas encontradas até bem pouco pela literatura contemporanea (4).

E por que sentimos avanço na solução espiritual apontada em "Fio de Prumo"? Em que difere ela das que foram encontradas antes por aquêles que também sentiram a grandeza do ser humano caminhando paralelamente á sua fragilidade e precariedade? (Estamos pensando principalmente na linha de um Saint-Exupéry, de um Malraux, um Bernanos, um Camus...).

Desprezadas as particularidades diferenciadoras, vemos que aquilo que em tôdas elas é a reação de quem sente a apaixonada urgência e mesmo a exasperada necessidade de duração (e daí orientarem a energia viril do homem para a ação construtiva, para o ato criador que perpetuará, em obras, a sua passagem pela vida); em Antonio Olavo é a lucida e serena consciência dessa iniludível duração. Daí que, para afirmá-la, o herói de "Fio de Prumo" não precise de ações heróicas, forjadas por situações excepcionais (profissões arriscadas, situações de crise, clima de guerra...) e simplesmente se limite a viver dia-a-dia a sua duração, porque ela existe, ela lhe pertence, ela é a sua anônima epopéia. "Tenho uma vida e uma liberdade para viver e hei de vivê-las. Eu também sou o tempo, como Geraldinho, D. Zoraide, Alonso, Alcina, os pinheiros da fonte, as raízes dos pessegueiros, os passarinhos de Luis, essa luz dourada que me olha pela vidraça. Tenho uma duração assegurada" (pag. 53).

É, pois, a consciência de não ser algo isolado e gratuito dentro do tempo e da ordem universal; a serena consciência dessa "duração assegurada" o que distancia, a nosso ver, o "herói olaviano" daquela solução humanista que exigia do homem a exacerbada e eufórica concentração de suas energias para dar um sentido á vida, através de obras que o eternizassem, e assim, pudesse êle superar a morte.

Aliás, neste romance, o que importa acima de tudo é a vida e não a morte. O próprio Deus, ou o princípio criador, que serve de alicerce á concepção de vida nêle desenvolvida, distancia-se daquela idéia tão arraigada de um Deus mesclado á morte e necessáriamente dependente do culto de uma religião revelada. Serenamente integrado numa ordem cósmica natural, o "herói olaviano" não tem necessidade de "intermediários para a comunicação com Deus". Distante da fé que vive "impregnada da idéia de morte", a sua era sentida e vivida "como um elemento essencial á vida" (pag. 239).

Sem grandes gestos, sem grandes obras, ao franquear a fronteira que buscava, ele constroi serenamente a sua vida no dia-a-dia do homem comum, livre da desesperadora urgência de se afirmar (urgência que estigmatizou o homem contemporaneo) e longe também do niilismo dos que aceitam passivamente a aventura da vida e se deixam levar pela corrente. E' importante notarmos ainda que persiste no heroi de "Fio de Prumo" aquela secreta intuição (que é a pedra basica de "Marcoré") de que "nenhuma posse definitiva nos é assegurada", de que as nossas conquistas são efemeras, como efemera é a nossa passágem pela terra. Contudo a diferença aqui é que o nosso heroi aceita essa limitação e dela retira condições para prosseguir: cumprir a sua parte no destino; seguir o seu ciclo vital, pois o dom da vida é uma lei da natureza, é a fôrça mais preciosa que foi concedida ao homem, para que pudesse por momentos participar ativamente do Todo. Viver... "Era essa a força maior na natureza humana, obscura, potente" (pag. 224).

E é essa força oculta que vemos agir no romance desde os primeiros momentos. Pelo autodominio das fraquezas, dos instintos, das tentações; pela disciplina interior e exterior; pela consciente e solidaria participação no plano das relações humanas, o "heroi olaviano" emerge do periodo de consciencialização do problema existencial (periodo de seu isolamento nas serras) e inicia a construção de sua vida apoiado em três elementos fundamentais: a fé, o amor e o trabalho; todos êles, realidades que atingem as raizes de seu ser, e não apenas fenomenos de superficie ou atos inconsequentes.

Assim, realiza-se êle no plano espiritual, pela pureza consciente, pela comunhão com a ordem universal ("Sou parte de uma ordem, não uma ordem isolada". — p. 224); no plano afetivo pelo encontro com o amor integral da Mulher ("E como o menino e a menina se encontrassem um na memoria do outro, o homem e a mulher formaram, não simplesmente um casal, mas um ser uno e indestrutivel" (p. 223) e no plano social, pelo trabalho realizador que aqui assume dimensões épicas ("Era bom trabalhar, dava-lhe a sensação definitiva de validez, de normalidade. (...) O trabalho adquiria um sentido heroico, a vida tinha o sabor de uma fruta amadurecida no pé". — p. 217).

Muito significativa é, ainda, a circunstancia do isolamento que envolve o nosso sereno heroi de "Fio de Prumo", durante o periodo em que êle acaba descobrindo a vida e a si mesmo. A respeito desse isolamento, lembremo-nos de certo paralelismo: os herois, os profetas, os iluminados... antes de sairem pelo mundo a cumprir sua missão, passaram sempre por um periodo de solidão longe da rotina e do bulicio da vida comum, a fim de entrarem em comunicação com as fôrças mais altas e receberem a mensagem. "O homem sozinho está mais perto de Deus e das coisas eternas", diz o romance, na epigrafe.

E ao fecharmos "Fio de Prumo", sentimos fundamente o longo caminho que êle percorreu... Que enorme a distancia que medeia entre o triste e solitário rapaz de "Contra-Mão" e êste homem tranquilo que encontrou o caminho para "viver além do muro, da superficie" (p. 109). Um homem que pode optar pelo sentido vertical da vida, na sugestiva imagem que lhe ocorreu ao ver os pedreiros assentando tijolos. "Via-os manejarem ora o nível ora o fio de prumo. Um rastejava, o outro mantinha-se na vertical. O pensamento do homem poderia ser conduzido num ou noutro sentido — restava que se optasse. O mundo seria o nivel. Deus o fio de prumo" (p. 240).

Com êste seu recente romance, Antonio Olavo registra, pois, o árduo caminho da conquista interior, caminho extremamente significativo para nós, leitores. "Termômetro" da experiência humana, a arte acusa as febres violentas ou os estados febris... O "descer do mercurio" acusado por "Fio de Prumo" é mais um elemento a nos fazer acreditar que o mais forte da crise do homem contemporaneo já passou... o que resta ainda são sequelas da doença, removíveis com o tempo... O mundo fechado de um homem abulico, nauseado e solitário já se abre para a luz da comunicação fecunda. Esse será, sem duvida, o mundo de amanhã para todos, é o que "Fio de Prumo" nos permite esperar.

---

1) Antônio Olavo Pereira, "Fio de Prumo", S. Paulo, Livraria José Olimpio, 1965.

2) Como Antônio Olavo não nos revela nunca o nome dos personagens centrais de seus livros (particularidade, aliás, bastante significativa para a essência de sua obra) ousamos classificá-los assim, como recurso prático de análise a despeito das diferenças existentes entre êles e o consenso tradicional do têrmo "herói".

3) Note-se a divisão do romance em dezessete capítulos: exatamente o mesmo numero de anos que, no plano temporal, realmente importaram para o tempo psicológico significativo na vida do herói: os dezessete anos que se escoaram desde o nascimento até o afastamento de seu filho, Marcoré. Aliás, a composição externa do romance é um dos pormenores notáveis de Antônio Olavo. Observar, em "Fio de Prumo", o íntimo relacionamento que existe entre a estruturação externa da narrativa e a dimensão interna do romance; isto é, a seleção e concatenação dos fatos e sua distribuição em capítulos obedece exatamente ao tempo psicológico mais significativo na evolução espiritual do seu herói. A composição do romance se estrutura numa divisão em treze capítulos: doze que correspondem ao período de doze meses (dos dezoito em que durou seu isolamento na serra), período em que realmente se consolidou o processo da descoberta (exatamente da chegada de Fernanda em diante); e um capítulo que, á distancia de vinte anos, nos dá a confirmação do encontro.

4) Sem duvida um passo decisivo que já pressentimos também em outros romances nossos, como em "Rosinha, minha canoa" de Mauro de Vasconcelos; em "O Forte" de Adonias Filho; etc... Guardadas as diferenças existentes entre êsses romances, as raízes são uma só... a área em que se movem é a mesma.

# O PREMIO NOBEL E O TEMPO

TEMISTOCLES LINHARES

O Prêmio Nobel de Literatura volta ao cartaz com a sua atribuição ao russo Cholokhov, autor de "O Don silencioso".

— Cholokhov — dizia-me meu interlocutor com quem venho travando desde há tempos estes diálogos criticos — já é um clássico da literatura russa atual. Discipulo de Tolstoi, o da "Guerra e Paz", êle não deixa, contudo, de pertencer ao realismo socialista, se bem que, integrado na ideologia, o seu propagandismo nunca tenha sido agressivo e os seus livros assim já tenham ambiente internacional.

— Talvez seja cedo para julgar da excelência ou do acerto da escolha. O tempo será o melhor juiz, como tem sido para os prêmios dos anos anteriores.

— Sim, claro. Nada como essa perspectiva para pôr as coisas e os homens nos seus lugares certos. Mas o que importa também é ler êsses livros premiados, conhecer êsses autores.

— E essa oportunidade nos está sendo dada. A Editôra Delta, do Rio, publicou agora mais 12 volumes de sua vitoriosa coleção dos Prêmios Nobel concedidos entre 1925 e 1944.

— Esta é a terceira série. E diante dela podemos já orgulhar-nos de possuir um texto brasileiro da Coleção, que absolutamente não destoa dos congeneres publicados na França e outros grandes centros editoriais do mundo.

— Por ser a mais alta láurea alcançada até hoje pelos escritores em matéria de prêmio literário, a Editôra Delta nos oferece agora todo um volume consagrado a Nobel, ao seu testamento, ao homem e aos seus prêmios, que, como sabemos, não se limitam ao campo da Literatura, estendendo-se também ao da Fisica, da Quimica, da Medicina ou Fisiologia e da Paz. E' evidente que, no caso, o que nos interessa é a Literatura.

— V. uma vez falou dos êrros cometidos na atribuição dos prêmios. Figuras que os receberam hoje estão totalmente esquecidas.

— Realmente, os juizos humanos correm o risco das circunstancias, da moda, do espirito do tempo.

— Por que não falar nos que mereciam o prêmio?

— Certo. Muitas figuras do passado tinham direito de recebê-lo e o receberam. Ainda agora, nesta série, quantas delas não fizeram jus ao galardão?

— Por exemplo?

— Foram muitas até. Shaw, Bergson, T. Mann, o próprio Galsworthy, Ivan Bunin, Pirandello, Eugene O'Neill, Roger Martin du Gard.

— Shaw já não desfruta do mesmo prestigio de anos atrás. Está perdendo terreno.

— Mas ainda é grande nome da literatura inglesa. Os seus paradoxos talvez estejam meio superados. Todavia, o seu teatro ainda é representado com êxito. As duas peças que figuram na Coleção, "Santa Joana" e "Pigmalião", foram bem escolhidas. O que me parece imortal em Shaw é a rebeldia. O romantismo emprestado ao sexo foi, sem duvida, um de seus alvos, bem assim a crença no casamento como solução ideal. Ele chegou a dizer a verdade sôbre o assunto. Ademais, como ridicularizou a guerra!

— Eu ainda acho o humor a melhor faceta de seu feitio. Quanto ao seu socialismo, era meio utopico, senão totalmente falso, pois acariciava a idéia do socialismo unicamente porque ela preconizava a igualdade. Não esqueça que a idéia de liberdade era nele posta em segundo plano. Chegou a simpatizar com as novas ditaduras de seu tempo, as da Alemanha, da Itália, da Russia somente porque considerava necessário o autoritarismo.

— Sim, mas qual o ditador que veria com bons olhos a liberdade de palavra que Shaw reclamava para si?

— Num reexame a que fôsse submetida sua obra, êle teria de descer do pedestal em que o colocaram. Até mesmo quanto ao seu teatro propriamente dito, aos seus personagens, tantas vezes fantoches ou meros porta-vozes de suas próprias opiniões.

— Bem, de qualquer forma, não se trata de alguém que esteja inteiramente esquecido, de uma obra que não comporte discussão.

— Parece-me mais interessante falar de alguém, para nós, menos conhecido e cuja obra merece ser lida. Você não falou nessa figura, aliás, uma mulher, a escritora norueguesa Sigrid Undset, da qual não existia nenhuma tradução brasileira. No entanto, ela recebeu o Prêmio em 1928 e é autora de vasta obra romanesca, que tem como motivo principal o conhecimento do coração humano, os instintos e as paixões, senão os desejos mais profundos. Com a imaginação voltada para a historia, ela realmente viveu e respirou um clima histórico, podendo dizer com razão que "fôra alimentada pela história". Atraída pela Idade Média, ela pôde evocar as manifestações realmente admiraveis que a Noruega ofereceu ao mundo de então, a sociedade cristã de alta cultura que ali já se desenvolvia. Os seus dois grandes romances medievais, porém, nos mostram, sobretudo, o homem eterno, nos seus conflitos morais. Os costumes e os hábitos eram outros, mas o coração do homem custava muito a modificar-se. Já naqueles tempos, o homem tendia a revoltar-se contra a vontade divina, a despeito de todo o teologismo da época. E levando tudo em conta, esse homem já sabia que nenhuma circunstancia exterior, a não ser ele mesmo, era responsável pelos infortunios que o perseguiam. Traduzindo-se essa luta de várias maneiras, em Kristin, uma das personagens postas em cena pela autora, ela era representada pelo egocentrismo, o amor da própria infelicidade, em oposição ao amor divino que queria habitá-la, mas ao qual Kristin se recusava obstinadamente.

— Em "Primavera", o romance traduzido para a Coleção e que pertence á primeira fase da romancista, já se nota excepcional penetração psicológica. O lar como comunidade social, eis o tema, com que são postas em relação tôdas as personagens. O lar como célula primitiva da vida social e tôda uma série de obrigações e problemas que êle cria e que se distendem até a idéia de pátria. Torkild, personagem principal, ao lado de Rosa, sua mulher, ás vezes se sentia invadir por imenso, humilde e espontaneo amor á pátria, por terno reconhecimento de ali viver e ali poder ficar, possuido de tôdas as lembranças, as boas e as más, da infancia, da adolescencia e de sua vida de homem, que o atavam áquele chão, áquele lar, de que êle se tinha separado e a que acabou retornando, afinal, num desfecho meio de cinema americano.

— De acôrdo, mas o livro se lê com interêsse psicológico crescente. Romance saboroso e encantador, publicado em 1914, e que difere bastante de "Kristin Lavransdatter", obra épica de imenso porte, onde tudo é poesia e verdade humana, cuja tradução para a nossa língua precisa ser feita. São hoje raras as obras comparaveis a esta, que nas letras escandinavas assumiu aspecto de monumento.

— E que me diz V. dos outros autores citados? Creio estarem bem vivos ainda na lembrança do leitor.

— Dentre eles eu lembraria Roger Martin du Gard, cuja obra se tornou bastante conhecida no Brasil, através das traduções da Globo. Foi ele uma de minhas leituras da adolescencia e mocidade.

— Mas agora o livro que a Coleção divulga é outro, não pertencendo á serie de "Os Thibault".

— Sim, mas a minha admiração pelo autor me fizera ler toda a sua obra. E agora releio com o mesmo encanto "O Drama de Jean Barois". Qual o escritor que resiste assim á releitura em diferentes idades?

— Realmente, são poucos. Mas Martin du Gard tem sido acusado de encarnar também um espirito que já passou. O seu positivismo, a sua clareza, o seu cientificismo são coisas ultrapassadas, proprias do seculo XIX.

— Tudo isso que se diz contra necessita de reexame. Martin du Gard continua atual. E a prova está na sofreguidão com que são devoradas ainda hoje estas paginas de "Jean Barois", a despeito de serem longos os seus dialogos entremeados de evocações descritivas e amplas citações. Mas o livro é atual não só pela densidade que o autor soube dar aos seus personagens, como pelo sentido de "engagement" que sua obra apresenta, embora ela fixe outra epoca que não a nossa. Como ainda é impressionante esse erro judiciario do Processo Dreyfus! O dilema imbecil em que se colocou o Estado-Maior do Exercito francês, cujos homens não se desprendiam do revestimento profissional, modelados pela disciplina, impregnados do sentimento hierarquico, fanaticos desse exercito representado na pessoa de seus chefes! Como poderiam estes pronunciar-se em favor do judeu contra o Estado-Maior?

— Outro caso que o livro evoca é o do modernismo

— Justo. E que continua atual, apesar de ser sempre perigoso discutir questões de fé. Mas como queriam os modernistas, "uma coisa é a substancia da doutrina antiga contida no deposito da fé, outra coisa a formulação de que a revestimos". O que dizia Tillet, que não procurava conciliar ciencia com religião, ainda está de pé, embora Barois, preocupado, sustentasse ser a consciencia humana religiosa em sua essencia. O problema é delicado diante da necessidade de crer em alguma coisa. Como, porém, não se comover a gente com a confissão de Cresteil, quando caia em si e deixava os seus ares convencidos, não querendo mais atordoar-se com palavras: "Já vi muita coisa, sei muito bem o que é a vida, que especie de feira é a vida!... O bem, o dever, a virtude, bolas! Disfarces dos nossos instintos egoistas, nossa unica realidade! Ah! fantoches!"

— Vejo alguma coisa de Eça nessa declaração. Os tempos hoje são outros, v. tem de convir.

— Não. Eça ainda é atual. Aí está alguém que teria direito a um Premio Nobel.

— Isso se o premio tivesse existido em seu tempo e, o que é doloroso e melancolico dizer, se ele não tivesse escrito em português.

# Sêmen-ser
## redução-revolução

*ancoragem em litoral de mar*
*| ausente mar*
*que ao brilho do véspero é esquivo.*

*fusilação de mim.*

*na multiplicação de pirilampos*
*revela-se o vermículo —*
*êsse filho do sobressalto.*

*suor do ato,*
*a flux.*

*Visco:*

*tediosos caramujos*
*no próprio vômito*
*o ventre colado.*

*Floco grávido da resposta:*

*cárie do ser,*
*imerso em ácido liquefeito —*
*ocaso irrenunciável.*

*mas, dissimulada no suco*
*a insana metamorfose —*
*promessa represada no glóbulo.*

*Revolução no prelo:*
*minimização do ser continental*
*às proporções de ilha.*

*Mapa:*

*gráfico do ser*
*contido no cisco —*
*essa fração,*
*residência de um todo incontido.*

*decomposição inconclusa*
*além de química,*
*ou mágica,*
*reedição de mim no nôvo,*
*êsse teimoso*
*eco exaltado*
*em desafio ao mudo diapasão.*

LUIS BUENO D'HORTA